

Angel para o Shabat

## **Na altura dos nossos uniformes: Reflexões da Parashá Tetsavé, 5777.**

Pelo Rabino Marc D. Angel

As pessoas usam uniformes... atletas, policiais, bombeiros, cirurgiões, clero. Graduados vestem becas. As fanfarras têm seus uniformes. Chapéus altos e de caudas, vestidos formais, vestuário de negócios... cada uniforme destina-se a definir um papel particular ou uma ocasião particular. Quando as pessoas se vestem casualmente elas pensam que não estão vestindo uniformes... mas na verdade estão vestindo uniformes casuais! O modo como se vestem é para refletir sua conformidade com ou rebelião as modas atuais.

A Torá da grande detalhe sobre o uniforme dos sacerdotes do Mishkan, especialmente a do Sumo Sacerdote. As vestimentas deste último eram bastante impressionantes e tinham a intenção de evocar "*honra e glória*". Quando os israelitas entraram no Mishkan, e mais tarde nos Templos em Jerusalém, testemunharam um sacerdócio com trajes elaborados.

Uniformes servem a um propósito funcional. Eles indicam quais são os papéis que os portadores do uniforme estão jogando. Mas uniformes também desempenham um papel psicológico. Quando vemos alguém vestido com uma roupa em particular, emoções específicas surgem dentro de nós. Nossos humores e nossos comportamentos são influenciados pelos uniformes; Em certo sentido, os uniformes são símbolos de papéis que evocam respostas emocionais de nós.

Quando os israelitas entraram no Mishkan ou no recinto do Templo, testemunharam os sacerdotes realizando vários serviços. Quando eles viram o Sumo Sacerdote com sua vestimenta, não só sabiam que ele era o Sumo Sacerdote, mas também sentiram a "*honra e glória*" que estava associada a ele. Eles tiveram uma reação pavloviana: eis um homem que está perto de D-s, que nos representa em nossa relação com o Divino.

Como o Sumo Sacerdote se sentia quando usava seu uniforme distintivo? Idealmente, o vestuário especial teria evocado dentro dele um sentimento elevado de reverência e responsabilidade. Ele sabia que todos os que o viam pensavam nele em termos elevados. Ele tinha que viver de acordo com suas altas expectativas. O uniforme sacerdotal não se destinava apenas a influenciar os israelitas, mas também ao próprio sacerdote. Ele tinha que viver de acordo com os mais altos padrões, viver de acordo com o uniforme que usava.

No entanto, pode ter havido (e houve!) um tempo onde os Sumos Sacerdotes não viveram a altura dos seus uniformes. Em vez disso, eles de alguma forma sentiram que o uniforme servia como uma camuflagem. Em vez do uniforme que inspira uma maior piedade e integridade, era um lugar para se esconder. Eles exerciam autoridade em virtude de seu traje externo, não em virtude do quem eles eram.

Quando a autoridade do sacerdócio dependia de vestimentas e não de piedade e integridade pessoais, então o público perdeu o respeito pelos sacerdotes e por tudo o que o sacerdócio deveria representar. O serviço do Templo, como muitos dos nossos profetas lamentaram, tornou-se uma farsa hipócrita. Os sacerdotes passaram por rituais e ofertas especificadas, mas o sentimento da presença de D-s estava faltando. Os sacerdotes tornaram-se funcionários, não personalidades religiosas que pudessem ensinar e inspirar. A liderança religiosa dos israelitas tornou-se um grupo de uniformes, ternos vazios.

Seja qual for nosso uniforme particular e nossos papéis particulares na vida, é essencial não nos permitir usar fantasias em vez de ser pessoas genuínas e honestas. Assim como os clérigos profanam a religião quando não honram seus uniformes e seus chamados, então todo mundo mina a integridade pessoal quando dependem de brincadeiras e fantasias para impressionar os outros.

O grande professor do século 20 e crítico literário, Lionel Trilling, escreveu sobre “a *satisfação com o objeto que parece com o real, mas não é o objeto real*”. As pessoas estão muitas vezes satisfeitas com imagens falsas e não exigem a “*objeto real*”. Mas as pessoas sábias vêm através das mentiras e das brincadeiras. Eventualmente, a maioria das pessoas irá para exigir o “*objeto real*”, pelo menos assim é o que se espera.

Exigimos o “*objeto real*” nos outros? Vivemos de acordo com nossos uniformes, até nossos papéis na vida, até nossas potencialidades? Exigimos o “*objeto real*” em nós mesmos?

**Shabat Shalom.**